

## Comércio, serviços e a estruturação da cidade: desigualdade socioespacial do consumo em Londrina - PR

### Resumo

No decorrer do processo de urbanização, as atividades econômicas vinculadas às esferas do comércio e dos serviços sempre ocuparam papéis fundamentais para a vida urbana, compondo a estruturação das cidades em suas formas, processos e conteúdos. Este artigo tem como objetivo analisar a cidade de Londrina-PR, em sua atual fase de estruturação socioespacial, abarcando o padrão de distribuição dos estabelecimentos comerciais e de serviços, os processos espaciais em curso e as práticas espaciais orientadas para o consumo consuntivo. Para isso, adotamos procedimentos metodológicos variados, de cunho quantitativo e qualitativo: unimos os dados do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) e as informações da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) para aferir o padrão de distribuição espacial dos estabelecimentos, que se apresentou multicêntrico e multicentralizado; para compreender a faceta empírica dessa distribuição, realizamos trabalhos de campo em localidades da área pesquisada; visando apreender os conteúdos referentes às práticas espaciais, foram feitas entrevistas com cidadãos e lojistas. Reunindo os resultados obtidos, caracterizamos que a atual fase de estruturação espacial de Londrina revela desigualdade socioespacial, a partir das esferas do comércio e do consumo.

**Palavras-chave:** consumo consuntivo; práticas espaciais; multicentralidade; escalas geográficas; aglomeração urbana de Londrina.

### Guilherme Pereira Cocato

Mestre em Geografia pela  
Universidade Estadual Paulista  
Júlio de Mesquita Filho – UNESP.  
Brasil  
guilhermecocato@gmail.com  
[lattes.cnpq.br/9285588632731544](http://lattes.cnpq.br/9285588632731544)  
[orcid.org/0000-0003-4462-8177](http://orcid.org/0000-0003-4462-8177)

### Para citar este artigo:

COCATO, Guilherme Pereira. Comércio, serviços e a estruturação da cidade: desigualdade socioespacial do consumo em Londrina - PR. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0509, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0509>

## Commerce, services and city structuring: socio-spatial inequality in consumption in Londrina, Paraná, Brazil

### Abstract

Throughout the urbanization process, economic activities linked to the spheres of commerce, services and consumption have always played fundamental roles in urban life, composing the structuring of cities in their forms, processes and contents. This article aims to analyze the city of Londrina, in the state of Paraná, Brazil, in its current phase of socio-spatial structuring, encompassing the distribution pattern of commercial and service establishments, ongoing spatial processes and spatial practices oriented by consumptive consumption. To achieve this, we adopted various methodological procedures, both quantitative and qualitative: we combined data from the National Register of Addresses for Statistical Purposes (CNEFE) and information from the National Classification of Economic Activities (CNAE) to assess the special distribution pattern of establishments, which appeared to be multicentric and mult centralized. To understand the empirical aspect of this distribution, we conducted fieldwork in localities within the research area. In order to grasp the contents related to spatial practices, interviews were conducted with city residents and shopkeepers. Gathering the results obtained, we characterize that the current phase of spatial structuring of Londrina reveals socio-spatial inequality, stemming from the spheres of commerce and consumption.

**Keywords:** consumptive consumption; spatial practices; multicentricity; geographic scales; urban agglomeration of Londrina.

## 1 Introdução

A partir da segunda metade do século XX, o aumento de trabalhadores e trabalhadoras em atividades econômicas não diretamente ligadas à produção de mercadorias, frequentemente chamadas de improdutivas, indicou um ganho de importância para as atividades comerciais e de serviços, além de representar a consolidação do processo de diversificação econômica e locacional (George, 1979). Isso foi acompanhado de impactos no padrão de distribuição espacial dos estabelecimentos pertencentes a esses ramos econômicos e potencializou transformações em seu funcionamento.

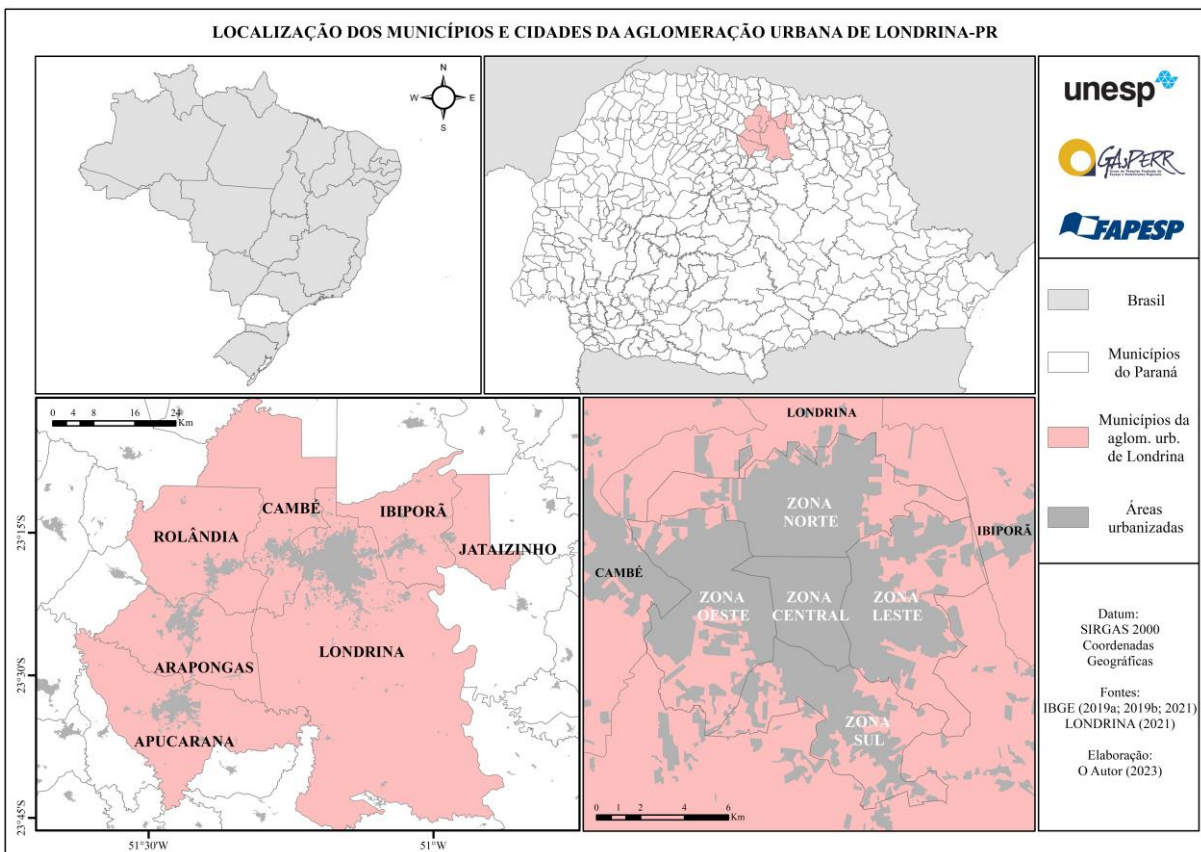
No entanto, a relevância das atividades comerciais e de serviços vem de longa data, especialmente nos espaços urbanos. As trocas comerciais representaram e ainda representam uma esfera indispensável para a reprodução social. Nas cidades, o seu papel se destaca ainda mais, pela garantia do fornecimento de serviços e bens de consumo essenciais, provenientes de diferentes localidades, para pessoas não envolvidas na confecção desses bens e, portanto, apartadas da garantia das condições mínimas para a própria subsistência.

Nas últimas décadas, pelos processos interligados de reestruturação econômica e urbana (Sposito; Sposito, 2012), com a passagem entre regimes de acumulação capitalista e a transformação da expansão urbana predominante do modelo compacto para o disperso, houve a ocorrência de mudanças no padrão de distribuição dos estabelecimentos e das formas urbanas em geral, já verificado por diferentes estudos nas últimas décadas, para a realidade brasileira (Beidack; Fresca, 2011; Fresca, 2013; Pereira, 2018; Silva, 2004, 2006, 2013, 2017a, 2017b; Sposito, 2004; Whitacker, 2017a, 2017b).

Dado o papel fundamental exercido pelo comércio e pelos serviços para a manutenção do modo de vida urbano, e pelas transformações recentes ocorridas nos espaços urbanos, vinculadas às esferas do comércio e do consumo, temos por objetivo investigar como essas esferas da vida humana participam da estruturação espacial da cidade, particularmente em Londrina, no norte do estado do Paraná, escolhida por comportar presença marcante de atividades e estabelecimentos comerciais e de serviços.

Na figura 1, apresentamos os municípios e os centros urbanos de Londrina e da aglomeração urbana de mesmo nome, delimitada enquanto conjunto interurbano pelos critérios de relações socioeconômicas, deslocamentos, proximidade e continuidade territorial entre as sete cidades (Cocato, 2022). A aglomeração, composta por Apucarana, Arapongas, Cambé, Ibiporã, Jataizinho, Londrina e Rolândia, será abordada ao longo do artigo, principalmente no tocante às práticas de consumo e seu alcance espacial, direcionadas à Londrina, a cidade principal.

Figura 1 – Localização de Londrina e dos municípios e cidades da aglomeração urbana de mesmo nome, no norte paranaense



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados fornecidos por IBGE, 2019a, 2019b, 2021; e LONDRINA, 2021.

Sinteticamente, buscamos compreender o impacto das atividades vinculadas ao comércio, serviços e ao consumo consuntivo, na estruturação das cidades, pela não tão

simples razão de que as formas, processos e conteúdos dessa estruturação influenciam direta e fortemente nas possibilidades de consumo e de mobilidade dos cidadãos<sup>1</sup>, gerando hierarquizações e desigualdades (Sposito, 2011), pela crescente diferenciação na participação destes na produção e na apreensão do espaço em que vivem.

Entendemos que a análise empreendida neste artigo tem grande potencial de explicação e de detalhamento, tanto para os temas e a área de estudo enfocada, quanto para futuras investigações geográficas e urbanas.

## 2 Procedimentos metodológicos

Além da consulta bibliográfica, escolhemos trabalhar com os dados censitários de endereços provenientes do Censo Nacional de 2010, o último disponível até 2022, reunidos no banco do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos – CNEFE (IBGE, 2010), para aferir o padrão de distribuição espacial dos estabelecimentos. No CNEFE, foram analisadas as variáveis “Espécie de endereço”, selecionando os estabelecimentos de outras finalidades, e a variável “Identificação do estabelecimento”, que fornece uma breve descrição a partir da qual é possível aferir as atividades econômicas desenvolvidas.

Posteriormente, os estabelecimentos foram classificados considerando a compatibilidade de informações entre a descrição existente no CNEFE e as definições da Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0 (IBGE, 2020a, 2020b), pelos grupos que definimos como de consumo consuntivo: atividades varejistas (comerciais finais), de serviços de alimentação e de reparação ou de manutenção de equipamentos e objetos pessoais (incluindo lavanderias e salões de beleza/cabeleireiros).

Na representação espacial da distribuição dos estabelecimentos, foram utilizadas as variáveis do CNEFE relacionadas ao logradouro de cada endereço. Essa conjunção de variáveis e diferentes bancos de dados e formas de classificação para estabelecimentos e

---

<sup>1</sup> Diferentemente de cidadão e habitante, o termo cidadão comporta amplo significado do indivíduo que reside e interage com o espaço urbano de diferentes formas, englobando o modo de vida urbano e suas práticas relacionadas (Pereira, 2018).

atividades econômicas se justifica pelo potencial que essa combinação metodológica contém, como afirmam Porto-Sales *et al.* (2014, p. 88), para quem o uso e o cruzamento de informações disponibilizadas pelo CNEFE e pela CNAE possibilitam

[...] empreender estudos comparativos entre e com diversas escalas, como a nacional, a estadual e a intraurbana. [...] logo, trata-se de procedimento e tema considerados fundamentais para os estudos sobre a estrutura urbana, que tenham foco na localização das atividades de comércio e serviços. (Porto-Sales *et al.*, 2014, p. 88)

Para a confirmação da exatidão dos dados, optamos pela realização de trabalhos de campo em dez localidades da área de pesquisa, no ano de 2021, em conjunto com a realização de entrevistas com dois lojistas e oito cidadãos, buscando apreender os detalhes dos deslocamentos para o consumo em Londrina. Essas metodologias de cunho qualitativo são essenciais por proporcionarem o contato direto com o objeto de estudo, além de serem ferramentas importantes para mitigar o impacto da lacuna temporal dos dados do CNEFE. Ressalta-se que, nas localidades visitadas, houve a correspondência de 85% entre a quantidade de estabelecimentos estimada a partir dos dados censitários e a quantidade de empresas contabilizada pelo pesquisador no local.

No tocante aos tipos de atividades econômicas, 69% das atividades de comércio e de serviços identificadas a partir da variável “Identificação do estabelecimento” foram confirmadas em campo. Dessa forma, entende-se que as discrepâncias metodológicas ainda se mostram presentes, cabendo aos pesquisadores e pesquisadoras da área buscarem formas de contorná-las, dentro das possibilidades reais, para uma melhor compreensão da estruturação das cidades.

Entre os principais processos espaciais enfocados, em curso na distribuição espacial dos estabelecimentos, estão os de centralização, descentralização, concentração e dispersão. Considerando todos os elementos destacados, traçaremos uma síntese de qual é e como se caracteriza a atual fase de estruturação espacial da cidade de Londrina, a partir das esferas do comércio e do consumo.

### 3 Cidades, capitalismo e o processo de urbanização

A importância dos estudos urbanos e das cidades se dá, dentre outras coisas, pelo simples (e grande!) fato de que nas últimas décadas o mundo vem passando por um processo contínuo e intenso de urbanização. Como afirma Limonad (2008), nunca na história humana tantas pessoas viveram de maneira tão aglomerada. Os centros urbanos são nossos principais habitats na contemporaneidade, afirmando cada vez mais um modo de vida urbano que se prolifera pela quantidade crescente de cidades espalhadas pelo planeta e pela dispersão dos tecidos urbanos das cidades já existentes.

Apesar dessa difusão do urbano, o fenômeno da urbanização não é homogêneo, mas amplamente desigual ao redor do globo. Como mostra Pereira (2018), a produção urbana, sob o capitalismo, segue duas linhas contraditórias que se materializam em tendências antagônicas, ocorrendo de maneira simultânea: a homogeneização dos espaços urbanos que nunca se completa totalmente, capitaneada pelos agentes hegemônicos e pela dimensão técnica e planificadora das representações do espaço e do espaço concebido (Lefebvre, 2000); e a fragmentação gerada pelas ações desses mesmos agentes que levantam barreiras às práticas espaciais dos cidadãos e segregam o espaço baseando o uso e o acesso à terra no seu valor de troca.

Dessa maneira, o resultado é a produção do espaço urbano como contradição concreta (Lefebvre, 2019). Contradição que, analisada à luz do método dialético, demonstra os conteúdos diversos que permeiam esse espaço. Ainda segundo Lefebvre (2019), além de ser o ponto principal de concentração no espaço, a cidade possui igualmente a tendência à dispersão. O essencial dos centros urbanos é o conteúdo de centralidade que, de maneiras opostas, pode se manifestar em processos de centralização e descentralização, concentração e dispersão. Ou, inclusive, com esses processos ocorrendo simultaneamente.

No contexto capitalista, em que a produção do espaço urbano é orientada pelo valor de troca da terra, atrelado a outros elementos, o mosaico de usos diferenciados resultante desse processo torna a cidade um espaço estruturado e reestruturado de

maneira desigual. Desigualdade espacial que é fruto da desigualdade social, que imprime na produção do espaço as contradições de uma sociedade de classes pautada na valorização mercantil (Carlos, 1999). Neste trabalho, utilizaremos o conceito de desigualdade socioespacial, seguindo o exemplo de Sposito (2011) e unindo as esferas que, empiricamente, são inseparáveis para a análise geográfica.

Na sequência, compreenderemos a evolução histórica e espacial de Londrina e sua região de entorno, bem como o seu encaixe na rede urbana brasileira.

#### 4 Urbanização londrinense: evolução e complexificação

No interior do processo maior de urbanização brasileira, a cultura cafeeira é tida como um dos principais fatores para o crescimento do estado do Paraná em termos econômicos e populacionais (Tavares, 2001). O café também é considerado como primordial para a origem de Londrina. No entanto, o processo de colonização dessa região muitas vezes é apresentado sem algumas motivações imprescindíveis para a sua concretização. Uma delas foi o interesse do capital britânico em se apropriar das terras e comercializá-las em um enorme projeto de especulação, por meio das ações de colonização da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP).

A ocupação de Londrina se originou a partir de um plano implantado em 1929, composto por 237 quadras e 54 vias para implantar cerca de 20.000 habitantes (Nascimento, 2016). Como descreve Whitacker (2017a, 2017b), a primeira expansão de Londrina se deu a partir do seu centro, posteriormente tratado como centro histórico. Um dos elementos mais relevantes nesse primeiro momento é a ampliação no número e na diversidade de estabelecimentos de comércio e de serviços.

Com a intensificação do processo de urbanização brasileiro a partir da década de 1960, fenômenos que antes estavam restritos às metrópoles e principais cidades do país se tornam presentes em outros centros urbanos. O meio técnico-científico continua o seu acúmulo, com novas rodovias, aeroportos, usinas e grandes indústrias sendo construídas na Região Sul. É tempo do Projeto Paranaense de Desenvolvimento, pelo qual o governo estadual promove a modernização de infraestruturas (Oliveira, 2011).



A questão mais importante desse período é sem dúvidas a expansão da cidade em sentido norte, iniciada nos anos 1970, tratando-se de um vetor de crescimento periférico assombroso, com predomínio de moradias populares e injeção de recursos federais em parceria com o poder público local (Oliveira, 2011). A expansão físico-territorial da cidade ocorre em conjunto com o crescimento da população urbana, que passa de 33.707 habitantes em 1950 para 257.899 em 1980 (Fresca, 2013).

A zona norte começa a ser produzida efetivamente com a implantação de dois conjuntos habitacionais em sentido noroeste, visando o desfavelamento da área. Com a construção dos cinco primeiros conjuntos no final dos anos 1970 se cria a expressão “Cinco Conjuntos” ou “Cincão” que posteriormente abarcaria toda a zona norte (Beidack; Fresca, 2011). Foi uma expressão criada dentro da COHAB-Londrina que se popularizou no cotidiano londrinense, muitas vezes utilizada com teor pejorativo.

Como detalham Beidack e Fresca (2011), a gênese da produção espacial da zona norte de Londrina remete tanto às transformações ocorridas em território nacional nos anos 1960 (industrialização, êxodo rural, modernização agrícola etc.) quanto à implantação da ditadura empresarial-militar no país. Com o golpe em 1964 foram criados o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e o Banco Nacional de Habitação (BNH), com o objetivo de promover a construção residencial para atender ao déficit habitacional da população majoritariamente pobre que chegava às cidades. Em seguida, foram criadas as Companhias de Habitação (COHABs) que seriam responsáveis pela operacionalização das implantações imobiliárias nos municípios. A COHAB-Londrina, criada em 1965, atua nesse sentido, direcionando a expansão no sentido norte pela viabilização de grandes conjuntos habitacionais.

Dessa maneira, a política habitacional brasileira se tornou um ambiente fértil para a acumulação do capital mercantil em sua atuação tanto na incorporação fundiária quanto na dinâmica imobiliária de construção de residências e provimento de infraestrutura. Sem contar a especulação surgida nos terrenos vazios que surgiam entre o centro consolidado da cidade e os conjuntos habitacionais instalados nas periferias. Além de ser colocada em locais distantes de atividades comerciais e de serviços básicos, a população pobre foi atingida pela falta de infraestrutura e pela imposição de enormes

deslocamentos para o trabalho em meios de transporte coletivo até hoje negligenciados. Foi um duplo isolamento socioespacial, limitador das possibilidades de consumo básico e da mobilidade urbana necessária para o avanço da cidadania desses cidadãos.

De maneira geral, a partir da década de 1990, a expansão do tecido urbano de Londrina segue algumas tendências, avançando em todas as direções, com destaque para os setores norte e sudoeste, onde: formam-se os bairros da Gleba Palhano, intensamente verticalizados; instala-se o *shopping center* Catuaí; e se encontram as malhas urbanas de Londrina e Cambé.

O cenário resultante dessa expansão, dos anos 1990 até os dias atuais, foi sintetizado por Silva (2013):

1. Ao norte, continuam as construções de conjuntos populares e loteamentos privados, intercalados por áreas de favela e ocupações de vazios urbanos ou fundos de vale;
2. A leste, dá-se a construção de conjuntos habitacionais e loteamentos destinados à população de rendas média e baixa, com alguma diversidade em termos de atividades econômicas;
3. No oeste, existe grande variação no uso do solo e no perfil socioeconômico dos cidadãos residentes. Passam a existir desde conjuntos habitacionais, assentamentos urbanos e favelas, próximas ao limite municipal com Cambé, até loteamentos de alto padrão e bairros de classe média próximos à Universidade Estadual de Londrina;
4. No sul, a variação também é evidente, pois a porção sudeste é grandemente favelizada ou originada de ocupações irregulares (sem a devida infraestrutura), enquanto o sudoeste é marcado por numerosos condomínios fechados de alto padrão (verticais e horizontais), além de universidades privadas, *shopping centers* e a própria Gleba Palhano: bairro formado por um intenso processo de verticalização à beira do Lago Igapó e que se apresenta como símbolo máximo de residência para as classes média/alta.

Temos, portanto, a formação de uma cidade média cujo espaço urbano é heterogêneo, constituído de áreas altamente diferenciadas entre si. Alguns setores da cidade ficam marcados pela presença de usos de elevado padrão (sudoeste), enquanto

outros se caracterizam pelos usos de médio ou baixo padrão (norte e sudeste), por grupos economicamente mais pobres.

## 5 Distribuição espacial dos estabelecimentos comerciais e de serviços

Cumprindo a função de facilitadores dos processos capitalistas de produção e acumulação nos espaços urbanos, mas também servindo à reprodução social da população pobre, os estabelecimentos comerciais e de serviços são formas ligadas ao comércio e ao consumo. Como definem Gonçalves e Silva (2017, p. 96): “[...] se nem todas as cidades são de acordo com a expressão de Henri Pirenne “filhas do comércio”, nenhuma, porém, pode escapar da presença e influência do comércio”.

O comércio e os serviços foram as atividades espontaneamente encontradas para o abastecimento da população citadina e para a obtenção da sua subsistência. Ademais, essas atividades serviram para a reprodução social dos sujeitos enquanto fornecedores de mão de obra, para a realização das mercadorias e para a reprodução do capital, servindo aos propósitos de sua acumulação (Couto; Elias, 2015). As estratégias locais dos comércios e dos serviços passam a afetar a dinâmica dos espaços da cidade e da rede urbana, pelo impacto na divisão do trabalho (empregos gerados), nos fluxos de mercadorias e informações e nos deslocamentos de pessoas (George, 1979).

Entre os anos de 1985 e 2010, Couto e Elias (2015) mostram que houve um aumento significativo no número de estabelecimentos de comércio e de serviços no Brasil. Passaram de 754.011 estabelecimentos em 1985 para 2.563.568 em 2010, com uma elevação de aproximadamente 260% na quantidade de estabelecimentos comerciais e 220% de estabelecimentos de serviços. Em relação à participação dessas atividades no total de estabelecimentos, houve uma diferença positiva de 69,49% para 75% (1985-2010).

Dadas as limitações materiais deste artigo, não é nosso objetivo abordá-las em maior profundidade, no entanto, no campo dos estudos da distribuição espacial dos estabelecimentos econômicos e de seu papel nos processos de urbanização e de

estruturação das cidades, é imprescindível citar os nomes de Brian Berry, Beaujeu-Garnier e Walter Christaller, que por meio de obras fundamentais delimitaram grande parte do repertório conceitual que ainda é utilizado nas pesquisas urbanas e da Geografia do Comércio e do Consumo. No cenário nacional, dentre outros, nomes basilares são os de Andréa Leandra Porto-Sales e Arthur Magon Whitacker, em que nos apoiamos e nos aprofundamos para construir as discussões aqui apresentadas<sup>2</sup>.

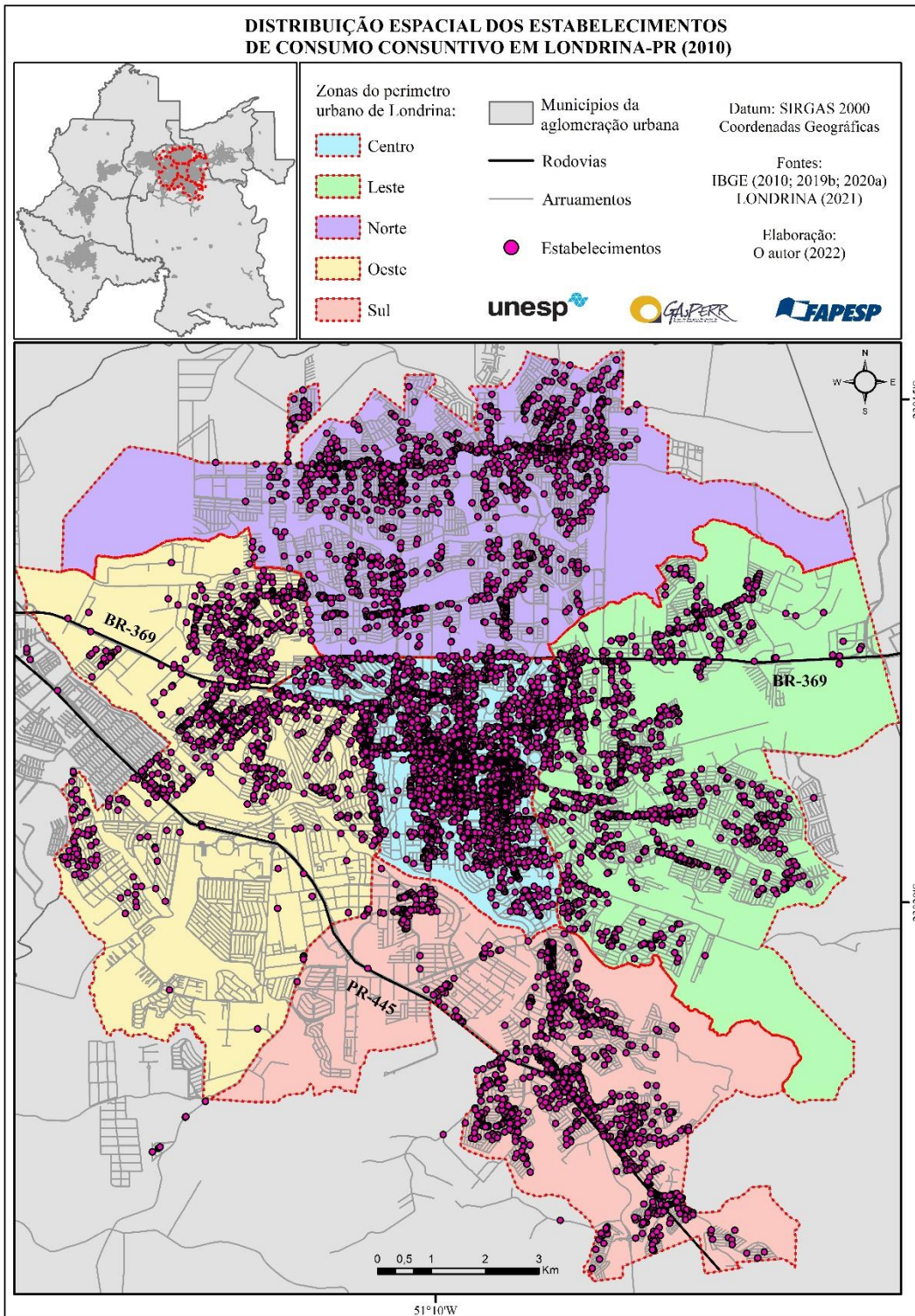
Como resultado de nossa pesquisa, foram identificados 9.520 estabelecimentos de consumo consuntivo em Londrina (IBGE, 2010). Lembrando: o consumo consuntivo remete às atividades comerciais e de serviços adquiridos em frequência mais comum e cotidiana, especialmente nas cidades. Com base na localização dos estabelecimentos, a partir dos dados do CNEFE (IBGE, 2010), foi gerado um mapa de pontos no *software* ArcGis (Figura 2).

Figura 2 – Distribuição espacial dos estabelecimentos de consumo consuntivo em Londrina-PR (2010)

---

<sup>2</sup> Para maiores informações, ver: PORTO-SALES, Andréa Leandra. *Situação espacial de franquias na América do Sul: morfologia e centralidade urbanas em cidades médias da Argentina, Brasil e Chile*. 2014. 281 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

WHITACKER, Arthur Magon. *Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto – SP*. 2003. 238 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados fornecidos por IBGE, 2010, 2019b, 2020a; e LONDRINA, 2021.

No caso dessa representação, por estabelecimentos individuais, os endereços foram previamente inseridos no software My Maps para correção. As informações que

serviram para posicionar os estabelecimentos foram: CEP, endereço (com número), bairro e cidade. Em conjunto, essas informações possuem uma maior confiabilidade para a correta geocodificação, em comparação com um mapa que utilizasse somente CEP ou endereço. Particularmente, o método de contagem de pontos é uma técnica cartográfica eficiente para a mostra de distribuições em valores absolutos. Como ressalta Martinelli (2003), os pontos, além de possuírem um alto valor de localização quando implantados nos locais corretos, apresentam um efeito visual convincente, ressaltando o padrão da distribuição.

Alguns endereços, seja pela proximidade entre eles, pela condição de estarem posicionados nos fundos ou em construções de mais de um andar ou por não possuírem informações corretas e/ou compatíveis com a base cartográfica do Google, podem ser distribuídos espacialmente de maneira equivocada ou sobreposta. São alguns dos desafios que, como pesquisadores da área geográfica, precisamos contornar e lidar da melhor maneira possível, conferindo os dados e ajustando-os.

Após a inserção dos dados no My Maps, utilizou-se uma extensão para edição em planilhas *online* do Google, denominada Geocode, que foi imprescindível para a geração das coordenadas de latitude e longitude (em graus decimais) de cada estabelecimento de acordo com os endereços revisados. Destacamos que, por funcionarem na mesma base de pesquisa e localização de informações geográficas, os *softwares* My Maps e Geocode, ambos do Google, possuem uma compatibilidade exata na busca e posicionamento de objetos tanto por endereços quanto por coordenadas.

Adentrando nos resultados, entendemos que, invariavelmente, a distribuição espacial das atividades comerciais e de serviços se dará de forma diferenciada, com disparidades socioespaciais devido às vantagens e desvantagens locais. Em companhia à estruturação desigual do espaço urbano em outras dimensões, essas disparidades acentuam a segmentação do acesso ao consumo e agravam as limitações de mobilidade urbana dos cidadãos.

Procurando locais nas ou próximos às vias mais importantes da cidade, as empresas se implantam em ruas, avenidas ou rodovias que ligam a zona central às

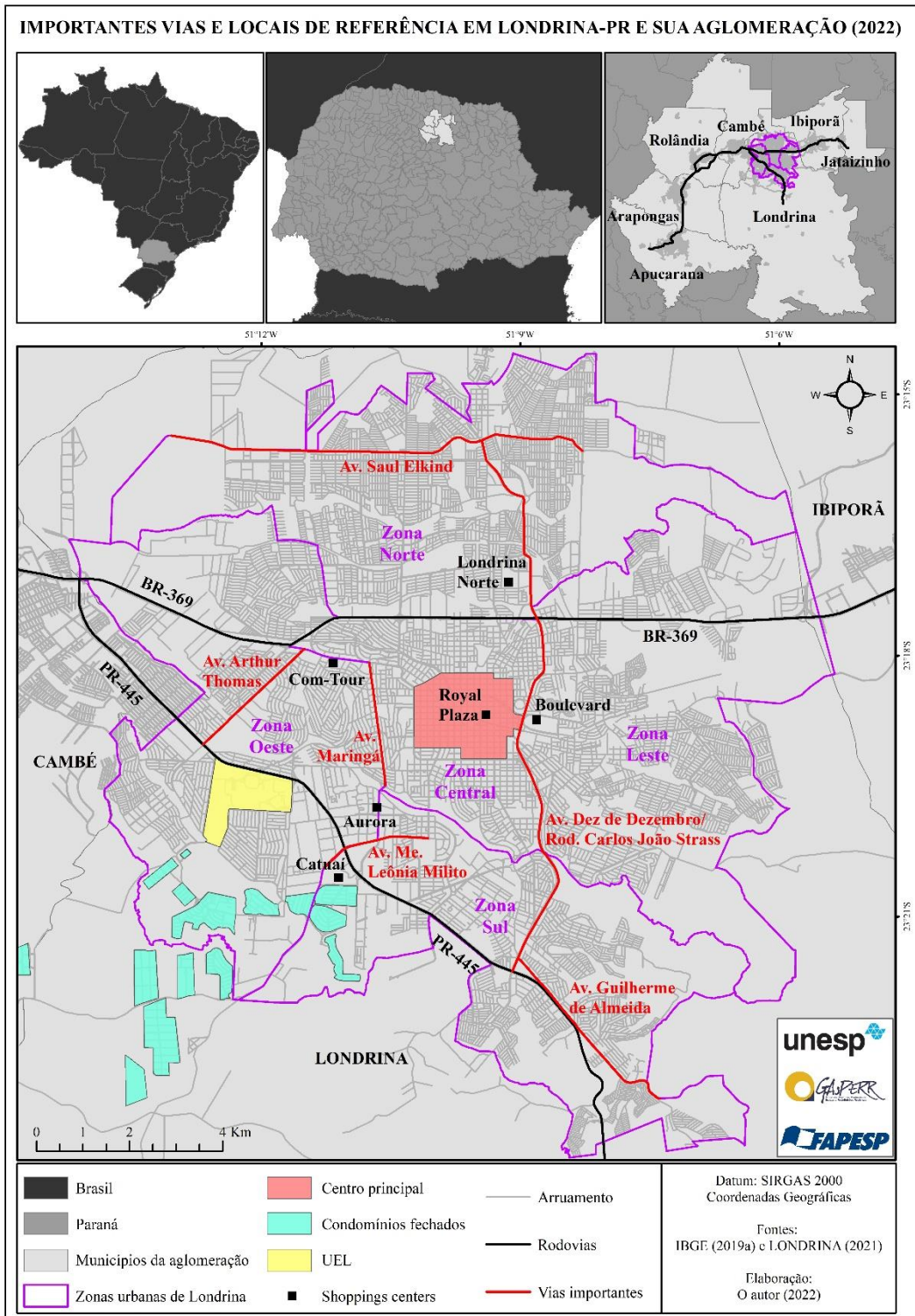
periferias, atravessam significativas porções do tecido urbano e/ou são referências para a separação entre uma zona urbana e outra. Pela distribuição espacial por pontos, mais exata devido ao uso dos endereços para a geocodificação, visualiza-se que o centro principal possui a maior concentração de estabelecimentos e, conseqüentemente, exerce a maior centralidade para os residentes de toda a cidade.

Paralelamente, são relevantes as concentrações dispersas e descentralizadas, com destaque para o extremo norte do perímetro urbano, na Avenida Saul Elkind, em sentido leste-oeste; na zona sul, sentido sudeste, acompanhando a Rodovia PR-445 e nos bairros adjacentes; em diversos pontos e vias da zona leste; e na zona oeste, próximo à divisa com Cambé e em bairros residenciais que formam um contínuo na malha urbana a partir da zona norte, em posição setentrional à Rodovia BR-369. Forma-se um conjunto de múltiplas concentrações, que podem se traduzir em áreas centrais.

Nesse contexto, o espaço urbano londrinense se torna cada vez mais complexo e as atividades de comércio e de serviços que antes estavam predominantemente na área central (até a década de 1980) começam a sofrer alterações (Fresca, 2013). Silva (2013) coloca que justamente a concentração elevada de estabelecimentos na área central possibilitou um processo de implosão-explosão que gerou a sua desconcentração. Nele, a centralidade é redefinida, alterando-se e contribuindo para uma maior diferenciação e segmentação do espaço urbano. A estruturação da cidade toma ares de ruptura, com o centro principal se expandindo e ao mesmo tempo vendo nascer outros núcleos e expressões de centralidade, como são os casos do subcentro da zona norte, dos *shopping centers* e de algumas áreas especializadas (por exemplo, com concentração de oficinas mecânicas ou serviços médicos).

É importante ressaltar que a ausência de estabelecimentos na zona sul, no extremo sudoeste do perímetro urbano de Londrina, deve-se à presença da Universidade Estadual de Londrina e de condomínios horizontais fechados, de alto padrão econômico (Figura 3).

Figura 3 – *Shopping centers*, importantes vias e outros locais de referência em Londrina-PR



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados fornecidos por IBGE, 2019a; e LONDRINA, 2021.

Como expoentes de atração para o consumo consuntivo e presentes nas áreas centrais identificadas, há em Londrina uma forte presença de *shopping centers*. Silva



(2017a, 2017b) faz um importante debate sobre o histórico dos *shopping centers* no Brasil e detalha alguns dos principais impactos desses empreendimentos na produção urbana das cidades médias: alteram fluxos e deslocamentos urbanos no exercício de sua centralidade, deslocando para si parte do poder de atração do centro principal; promovem a visita de pessoas não só para o consumo, mas pelo status das lojas presentes, de franquias famosas internacionalmente; possuem grande influência sobre o poder público na construção do ambiente construído a seu favor, além de obterem o apoio popular pela ligação automática entre a implantação do *shopping* e a ideia de desenvolvimento; e transformam a produção espacial voltada ao consumo do espaço pela construção de moradias e condomínios fechados de médio e alto padrão socioeconômico em seu entorno.

Atualmente, em Londrina, observamos os elementos colocados por Silva (2017a, 2017b), com o acréscimo de que a centralidade dos *shopping centers*, especialmente do Catuaí (Figura 3), atrai grandes deslocamentos de pessoas de maneira diferenciada das outras áreas centrais. As diferenças de acessibilidade, pela localização e pelas condições do transporte público, e dos padrões de consumo, pela presença de lojas com certo caráter de exclusividade socioeconômica, contribuem para que a mobilidade e as práticas espaciais dos cidadãos não se realizem da mesma forma quando escolhem se deslocar para a centralidade promovida pelo *shopping* ou para outras.

Resumidamente, a partir dos mapas apresentados e da discussão realizada acerca da distribuição espacial dos estabelecimentos comerciais e de serviços em Londrina, têm-se indícios da ocorrência de múltiplas áreas de concentração desses estabelecimentos. Áreas concentradas que se configuram como espaços de consumo, direcionando as práticas espaciais de consumo consuntivo dos cidadãos.

Nesse sentido, como áreas em que ocorrem os processos espaciais de concentração e centralização de atividades comerciais e de serviços, e, simultaneamente, de dispersão e descentralização em relação ao centro principal do espaço urbano, conforma-se uma estruturação multicêntrica (nas formas espaciais) e multicentralizada (nos conteúdos), seguindo as diferenciações realizadas por Sposito (2010).

## 6 Práticas espaciais de consumo e desigualdade socioespacial

Por meio da caracterização das dez localidades em que foram realizados os trabalhos de campo, com relevantes concentrações de estabelecimentos, e entrevistados dois lojistas e oito cidadãos (de diferentes perfis socioeconômicos, residentes de todas as zonas urbanas da cidade), notamos a predominância de importantes vias, como rodovias e avenidas que ligam distintas áreas da cidade. Alguns dos mais citados foram os *shopping centers*, o centro principal e a Av. Saul Elkind na zona norte (Figura 3).

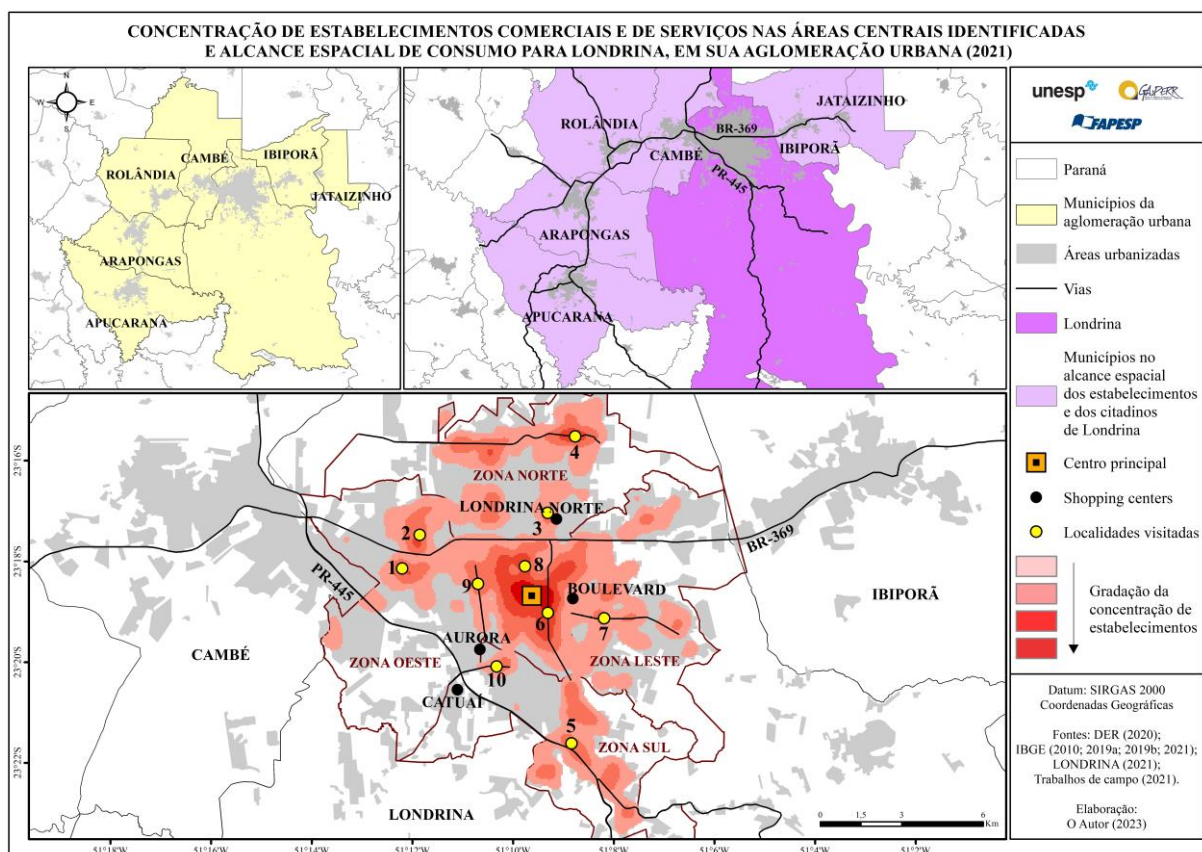
Das dez localidades visitadas, sete foram identificadas com significativa circulação de pedestres e veículos. Portanto, são pontos significativos de Londrina, concentrando estabelecimentos relevantes à pesquisa e atraindo grande número de consumidores.

Como afirmado anteriormente, foi identificado um padrão de distribuição multicêntrico para as atividades comerciais e de serviços em Londrina. Esse padrão multicêntrico está associado à ocorrência da multicentralidade, pelas qualidades das múltiplas áreas centrais em atrair deslocamentos para o consumo consuntivo, em diferentes sentidos.

De acordo com as entrevistas, verificamos que estabelecimentos distintos, localizados em posições diferentes na cidade, atraem consumidores de Londrina e de outras cidades do entorno. São tipos de estabelecimentos, vinculados ao consumo consuntivo, que se encontram dentro das práticas espaciais cotidianas dos cidadãos, exercendo atração e construindo escalas geográficas que ultrapassam os limites municipais, envolvendo os espaços da cidade, individualmente, e da rede urbana.

A figura 4 reúne os resultados obtidos: as concentrações de estabelecimentos comerciais e de serviços; as sete localidades visitadas que se tornaram destaque pela circulação de pedestres e veículos (do total de dez); e os alcances espaciais de consumo para os estabelecimentos de Londrina (de acordo com as entrevistas com os lojistas). Ou seja, os municípios de onde as pessoas vêm para consumir em Londrina. Como verificado, todos pertencem à aglomeração urbana de Londrina (Cocato, 2022).

Figura 4 – Concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços nas áreas centrais identificadas e alcance espacial de consumo para Londrina, em sua aglomeração urbana (2021)



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados fornecidos por DER, 2020; IBGE, 2010, 2019a, 2019b, 2021; LONDRINA, 2021; e Trabalhos de Campo, 2021.

Analisando a Figura 4, compreendemos que as localidades destacadas pela circulação significativa de pedestres e veículos estavam em áreas de concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços. Em Londrina, a quantidade dessas concentrações foi alta, variando em intensidade e estando dispersas por todas as zonas urbanas da cidade. Houve concentrações de maior grau na zona central (Londrina 6 e 8), na zona norte (Londrina 4, na Av. Saul Elkind) e em algumas porções das zonas leste e oeste (Londrina 1). Essa distribuição espacial dos estabelecimentos nos mostra a evidente

ação dos duplos processos espaciais de concentração-dispersão e de centralização-descentralização no espaço urbano.

As várias concentrações de estabelecimentos comerciais e de serviços formaram múltiplas áreas centrais para o consumo consuntivo em Londrina, compondo o padrão multicêntrico e o estado de multicentralidade, pelas diferentes atrações de consumo exercidas sobre os cidadãos. Esses são elementos do processo de estruturação atual de Londrina.

Apesar de não estarem em áreas de concentração tão intensa quanto as outras, as localidades de Londrina 7 e 9 também demonstraram ajuntamentos significativos de estabelecimentos para o consumo de residentes do entorno ou que transitam pelas Avenidas Maringá e São João, fato verificado pelos graus de circulação de veículos nessas vias.

Como concentradores de estabelecimentos e espaços de consumo visados por cidadãos de Londrina e de todas as cidades da aglomeração urbana (como mostraram as entrevistas), localizamos os *shopping centers* Aurora, Boulevard, Catuaí e Londrina Norte na figura 4. Estes influenciam nas práticas espaciais de consumo consuntivo que se realizam, principalmente, pelos deslocamentos em veículos. Atraem consumidores a diferentes partes da cidade, separadas do centro principal, formando áreas centrais próprias e contribuindo para o padrão multicêntrico e para a multicentralidade. São preponderantes tanto nos processos espaciais de concentração-dispersão, como nos de centralização-descentralização.

Apesar de existirem distintas e numerosas possibilidades para a realização do consumo consuntivo, as entrevistas com cidadãos não apontaram para condições iguais em sua concretização. Pela ótica dos cidadãos, provenientes de Londrina, existem capacidades diferenciadas para as práticas de consumo. Confirmaram isso indivíduos residentes das zonas sul, oeste, central e norte da cidade. Essa situação nos remete ao aumento da diferenciação socioespacial nas cidades, presente em múltiplas escalas geográficas que são construídas socialmente e compõem a contemporânea fase de estruturação de Londrina.

Nesse contexto, uma das localidades visitadas em Londrina, denominada Londrina 10, na Av. Madre Leônia Milito (Figura 4), destacou-se por ser citada como de difícil acesso e consumo por cidadãos residentes das zonas norte, sul, oeste e central. Em nossa visão, a limitação na mobilidade urbana e nas possibilidades de consumo revela o estado de desigualdade socioespacial na atual fase de estruturação de Londrina.

A localidade de Londrina 10 concentra grande número de estabelecimentos comerciais e de serviços, acessados quase que exclusivamente por veículos particulares e coletivos (Figura 5).

Figura 5 – Avenida Madre Leônia Milito, na localidade Londrina 10 (2021).



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados fornecidos por Trabalhos de Campo, 2021.

É uma via que liga o centro principal à Rodovia PR-445 e ao shopping center Catuaí, atravessando o bairro de médio/alto padrão da Gleba Palhano, visto ao fundo na figura 5. Pela sua intensa verticalização (fruto de acelerada valorização do solo urbano), presença de condomínios fechados (no bairro ou próximos) e de shopping centers (Catuaí e

Aurora), é uma área com concentrações de estabelecimentos comerciais e de serviços de distintos padrões econômicos – que continuam na Avenida Ayrton Senna da Silva, perpendicular à Avenida Madre Leônia Milito –, incluindo lojas e restaurantes de capital local, regional e nacional, para os quais nem todos os cidadãos possuem acesso ou capacidade de consumo, como demonstraram as entrevistas. Entretanto, essa área, incluindo os *shopping centers*, possui amplo alcance espacial para o comércio e o consumo consuntivo, atraindo cidadãos com maior potencial de mobilidade de toda a aglomeração urbana. Os dois lojistas entrevistados ressaltaram isso.

Verificamos, portanto, uma contradição entre o abrangente alcance espacial exercido pelas áreas centrais e centralidade dessa porção do tecido urbano de Londrina (vias e *shopping centers*), e as diferenciações entre os que ali frequentam e consomem e os que não conseguem fazer o mesmo, apontando para um estado de desigualdade socioespacial, lido a partir do comércio e das práticas espaciais de consumo consuntivo.

Entre as condições mais decisivas para a realização das práticas espaciais de consumo, de maneira diferenciada e desigual, apontamos a renda e a disponibilidade de meios de transporte, de acordo com a infraestrutura no local de residência. São elementos a serem investigados de forma mais aprofundada, sendo aqui propostos como caminhos possíveis de serem trilhados.

Ressaltamos que o padrão de distribuição espacial multicêntrico dos estabelecimentos enfocados não é algo inédito, tendo sido identificado por outros autores e autoras que estudaram as cidades e a rede urbana brasileira e, especificamente, Londrina e outras cidades de sua região de influência, como Fresca (2013) e Silva (2004, 2006, 2013). Portanto, entendemos que o padrão multicêntrico e o estado de multicentralidade aferidos estão em fase de consolidação e aprofundamento, no atual momento de estruturação espacial das cidades.

É importante destacar que o fato de utilizarmos o conceito de estruturação não retira a dinamicidade da análise e nem nega a possibilidade de ocorrerem transformações nos espaços urbanos. Como afirma Sposito (2004), somente reforça o caráter processual,

de constante movimento e mudanças nas formas, conteúdos e distribuição espacial nas cidades, apreendidos em determinado recorte temporal.

No atual momento de estruturação da cidade de Londrina, entendemos ser realçada a existência da desigualdade socioespacial, acrescida ao padrão multicêntrico e identificada pelos temas e metodologias empregados, a partir das atividades e práticas relacionadas ao comércio, aos serviços e às práticas de consumo consuntivo.

## 7 Considerações finais

Optando pelo emprego de metodologias variadas, envolvendo banco de dados censitários, representações cartográficas, trabalhos de campo e entrevistas, para a cidade de Londrina-PR, foram aferidos e apreendidos: o padrão de distribuição dos estabelecimentos, os processos espaciais em curso e os conteúdos das práticas espaciais de consumo.

No âmbito da distribuição espacial dos estabelecimentos comerciais e de serviços, aferimos um padrão multicêntrico, com múltiplas concentrações e formação de áreas centrais. Entre elas, o centro principal, os *shopping centers* e a Av. Saul Elkind na zona norte. Em conjunto, estão em andamento os processos espaciais de concentração-dispersão na formação das áreas centrais e do padrão multicêntrico, além dos processos de centralização-descentralização, conformando o estado de multicentralidade e descentralizando as práticas de consumo em relação ao centro principal.

As entrevistas nos forneceram certa apreensão e detalhamento das práticas espaciais. Os deslocamentos para o consumo possuem sentidos, formas de mobilidade e alcances espaciais variados, a depender de condições socioeconômicas que dão maiores ou menores possibilidades de os cidadãos frequentarem e consumirem nas áreas centrais, espaços e estabelecimentos de comércio e de serviços. Condições como renda e infraestrutura de transporte.

Dadas as diferenciações entre as práticas espaciais de consumo dos cidadãos, resultando em alcances espaciais também distintos, identificamos a existência do estado

de desigualdade socioespacial, sempre pensada a partir das esferas das trocas comerciais e de serviços.

Por fim, chamamos a atenção para a importância de pesquisas científicas que unam diferentes metodologias e escalas geográficas de análise, tanto para a compreensão da complexa realidade de estruturação das cidades, quanto para a formulação de considerações e propostas que atinjam os pontos mais necessários e urgentes, em busca de condições de vida mais justas e igualitárias nos espaços urbanos.

Particularmente, a combinação renovada de procedimentos metodológicos que não são recentes ou pouco utilizados, possibilitou-nos maior compreensão de dinâmicas e fenômenos nos espaços urbanos que não ficaram restritos unicamente à análise estática da localização ou às percepções subjetivas dos indivíduos. Esta pesquisa tem o diferencial de abordar caminhos de investigação que captam distintas facetas do objeto de estudo, reunindo formas, processos e conteúdos que permeiam múltiplas escalas e que, no entanto, são indivisíveis.

Esperamos que mais pesquisas continuem a explorar perspectivas diversificadas de execução, ampliando os usos de metodologias consagradas e compartilhando novas experiências e maneiras de se compreender a realidade.

## Referências

BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos; FRESCA, Tânia Maria. Reestruturação urbana e novas centralidades: um estudo sobre a zona norte de Londrina – PR. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 29, n. 2, p. 147-163, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/9898>. Acesso em: 30 out. 2021.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

COCATO, Guilherme Pereira. **Estruturação das cidades a partir do comércio, dos serviços e do consumo**: a aglomeração urbana de Londrina – PR. 2022. 363 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2022.



Comércio, serviços e a estruturação da cidade: desigualdade socioespacial do consumo em Londrina - PR  
Guilherme Pereira Cocato

COUTO, Edna Maria Jucá; ELIAS, Denise. Evolução do comércio e dos serviços em uma cidade média no Brasil. **Revista GeoUECE**, Fortaleza, v. 4, p. 36-62, 2015. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/issue/view/161>. Acesso em: 03 fev. 2022.

DER - DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DO PARANÁ. **Mapas rodoviários**. [Paraná: DER], 2020. Disponível em: <https://www.der.pr.gov.br/Pagina/Mapas-Rodoviaros>. Acesso em: 16 abr. 2022.

FRESCA, Tânia Maria. O espaço metropolitano de Londrina – PR: novas centralidades e mercado imobiliário. **Revista de Geografia**, Recife, v. 30, n. 2, p. 51-78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229020>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GEORGE, Pierre. **Populações ativas**. São Paulo: DIFEL, 1979.

GONÇALVES, Tiago Estevam; SILVA, José Borzacchiello da. Reflexões acerca do comércio e consumo na perspectiva da Geografia Humana. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 34, p. 95-105, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/134427>. Acesso em: 10 fev. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cadastro nacional de endereços para fins estatísticos**: downloads: censo 2010. [Rio de Janeiro: IBGE], 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html>. Acesso em: 15 ago. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base de faces de logradouros do Brasil**. [Rio de Janeiro: IBGE], 2019a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/28971-bases-de-faces-de-logradouros-do-brasil.html?edicao=28972&t=downloads>. Acesso em: 01 mar. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Malha de setores censitários**: downloads: censo 2010. [Rio de Janeiro: IBGE], 2019b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/26565-malhas-de-setores-censitarios-divisoes-intramunicipais.html?=&t=downloads>. Acesso em: 04 set. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estrutura detalhada e notas explicativas da CNAE 2.0**: Comissão Nacional de Classificação (CONCLA). [Rio de Janeiro: IBGE], 2020a. Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/documentacao/documentacao-cnae-2-0.html>. Acesso em: 07 ago. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Introdução à classificação nacional de atividades econômicas: CNAE versão 2.0: Comissão Nacional de Classificação (CONCLA).** [Rio de Janeiro: IBGE], 2020b. Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/documentacao/documentacao-cnae-2-0.html>. Acesso em: 07 ago. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Áreas urbanizadas.** [Rio de Janeiro: IBGE], 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15789-areas-urbanizadas.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 08 jun. 2023.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Título original: La production de l'espace.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Tradução de Sérgio Martins. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. Título original: La révolution urbaine.

LIMONAD, Ester. Espaço-tempo e urbanização: algumas considerações sobre a urbanização brasileira. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 5, n. 8, p. 243-262, 2008. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/557>. Acesso em: 07 fev. 2022.

LONDRINA. **Sistema de informação geográfica de Londrina (SIGLON) – downloads.** [Londrina: s.n.], 2021. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/downloads-siglon>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da geografia e cartografia temática.** 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

NASCIMENTO, Agnaldo da Silva. A espacialização dos vazios urbanos em Londrina (PR). **Confins**, [s. l.], n. 28, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/11088>. Acesso em: 30 out. 2021.

OLIVEIRA, Edilson Luis de. **Divisão do trabalho e circuitos da economia urbana.** Londrina: Editora da UEL, 2011.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP.** 2018. 485 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018.

PORTO-SALES, Andréa Leandra; COUTO, Edna Maria Jucá; WHITACKER, Arthur Magon; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; REDÓN, Sérgio Moreno; MIYAZAKI, Vitor Koiti.

Pesquisa em geografia urbana: desafios e possibilidades de análise espacial com o uso do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE). **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 36, p. 81-103, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/3194>. Acesso em: 06 jun. 2023.

SILVA, William Ribeiro da. Novos centros, novas centralidades, novas diferenças. A fragmentação do espaço urbano de Londrina. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 29, n. 1, p. 55-70, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/842>. Acesso em: 03 fev. 2022.

SILVA, William Ribeiro da. **Para além das cidades**: centralidade e estruturação urbana: Londrina e Maringá. 2006. 280 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

SILVA, William Ribeiro da. Londrina e a reestruturação urbana. Atividades econômicas, papéis, agentes e escalas. In: ELIAS, Denise; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOARES, Beatriz Ribeiro (orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Campina Grande e Londrina. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 193-214.

SILVA, William Ribeiro da. Centralidade, *shopping centers* e reestruturação das cidades médias. In: MAIA, Doralice Sátyro; SILVA, William Ribeiro da; WHITACKER, Arthur Magon. **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017a. p. 199-225.

SILVA, William Ribeiro da. *Shopping centers* e a redefinição da centralidade em cidades médias brasileiras. In: MAIA, Doralice Sátyro; SILVA, William Ribeiro da; WHITACKER, Arthur Magon. **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017b. p. 227-285.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Multi(poli)centralidade urbana. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SANT'ANNA NETO, João Lima (orgs.). **Uma geografia em movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 199-228.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. p. 123-145.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SPOSITO, Eliseu Savério. Reestruturação econômica, reestruturação urbana e cidades médias. In: SEMINÁRIO DA REDE IBEROAMERICANA DE PESQUISADORES SOBRE GLOBALIZAÇÃO E TERRITÓRIO, 12., 2012, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 1-17.

TAVARES, José Humberto. **Aglomerção urbana de Londrina: integração territorial e intensificação de fluxos**. 2001. 243 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.

WHITACKER, Arthur Magon. Centro da cidade, centralidade intraurbana e cidades médias. In: MAIA, Doralice Sátyro; SILVA, William Ribeiro da; WHITACKER, Arthur Magon. **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017a.

WHITACKER, Arthur Magon. Centro da cidade: consolidação e expansão. In: MAIA, Doralice Sátyro; SILVA, William Ribeiro da; WHITACKER, Arthur Magon. **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017b.

## Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa de mestrado concedida (processo nº 2020/03423-3), à Professora Doutora Maria Encarnação Beltrão Sposito pela orientação, e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP), onde esta pesquisa foi desenvolvida.

Recebido em: 24/07/2022

Aprovado em: 17/07/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED  
PerCursos

Volume 24 - Ano 2023  
revistapercursos.faed@udesc.br